

Joelmir Beting

"O Brasil não mais agüenta continuar não dando certo."

Antonio Britto, ministro da Previdência



ESTADO DE SÃO PAULO 06 MAR 1993

A desconstrução

De Collor a Sarney, carreira de 33 meses, até dezembro, o Brasil sentiu o PIB murchar mais 4,4%. E o brasileiro, pior: ficou 9,6% mais raquítico. Essa foi a taxa de desconstrução do produto nacional por habitante.

□□□ A queda do emprego foi ainda maior do que o tombo do produto: 17%. E, fechando a roda, o rombo do salário superou o tombo do produto e a queda do emprego: perdas de 28% no mesmo período. Nesta altura do calendário, a fatia dos salários na renda nacional não deve passar de 30%. Perfil de Quarto Mundo. Há 20 anos, estava acima de 50%.

□□□ Para onde vai o Brasil de Itamar? Título de seminário realizado pela Universidade de Miami, na véspera da renúncia forçada do ministro Paulo Haddad. O embaixador brasileiro em Washington, Rubens Ricúpero, participou dos debates. Recado oficial: vamos sair da fossa ainda no governo Itamar. E não pelo atalho do choque via governo, mas pelo terreno do ajuste via mercado. Vulgo Plano Haddad.

□□□ O embaixador estava escoltado pelo negociador da dívida externa, Pedro Malan. Que rasgou o verbo: temos, agora, um governo sério. Um governo de gente capaz, que trabalha com grande aplicação técnica na solução dos nossos problemas. Pedro Malan esculpriu: "É preciso que fique bem claro, aqui fora, uma coisa: o Brasil não é um país condenado ao fracasso".

□□□ Cá entre nós: nem ao sucesso.



Afinal, o futuro nada mais é do que tudo o que fazemos ou deixamos de fazer no presente. Pois estamos deixando de fazer metade das coisas e fazendo mal a outra metade. Ficamos exatamente pela metade: a taxa de investimentos, em relação ao PIB, não tem chegado a 13%. Já foi de 25%. E o mais espantoso: a taxa de investimentos, a tal de formação bruta de capital fixo, tornou-se menor do que a taxa de poupança interna disponível. Ou seja: alguma coisa anda chantagando a iniciativa dos empresários.

□□□ Qual é o futuro da ninguenzada de 70 milhões de brasileiros, hoje vegetando nos limites na mera sobrevivência biológica? Qual é o futuro de um mercado interno que consome 16 milhões de escovas de dente para 145 milhões de bocas?